

## Ao menos 54 mil mortes de idosos evitadas no Brasil

De janeiro a agosto de 2021, a vacinação também impediu a internação de no mínimo 158 mil pessoas com 60 anos ou mais, indica estudo do Observatório Covid-19 BR. Para os autores, dados evidenciam a importância da imunização no combate à pandemia

A vacinação contra a covid-19 salvou a vida de 54 a 63 mil idosos durante os primeiros oito meses de 2021. Também evitou de 158 mil a 178 mil internações de pessoas com 60 anos ou mais em hospitais brasileiros, no mesmo período. Os números, divulgados na revista científica *The Lancet Regional Health Americas*, podem ser ainda melhores. Isso porque fazem parte de uma análise considerada “conservadora” pelos autores do estudo, integrantes do Observatório Covid-19 BR. O que é certo, dizem, é que o resultado do trabalho evidencia o impacto positivo da imunização em massa no país.

“O fato de as vacinas terem feito diferença é algo incontestável”, afirma, ao *Jornal da Unesp*, o pesquisador Leonardo Souto Ferreira, primeiro autor do artigo e pesquisador do Instituto de Física Teórica da Universidade Estadual Paulista. Além da Unesp, fazem parte do observatório a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a Universidade Federal do ABC (UFABC) e a Universidade de São Paulo (USP).

O grupo analisou os dados referentes ao período entre janeiro e agosto de 2021, primeiros meses de aplicação das vacinas no país, e escolheu os idosos por terem sido os primeiros a completarem o esquema vacinal, segundo o calendário adotado. Ao combinarem as curvas de morte e hospitalização nesse intervalo, os cientistas concluíram que ficou evidente a correlação entre os dois fenômenos e a imunização: quanto maior a cobertura vacinal, menor o impacto da covid-19 entre aqueles com 60 anos ou mais. Os dados mostraram, por exemplo, uma redução de aproximadamente 35% das internações de idosos no período considerado.

Segundo Leonardo Ferreira, o efeito deve ter se repetido entre os indivíduos mais novos. “Nosso modelo parte do princípio de que o comportamento da epidemia nas diversas faixas etárias é o mesmo. Não no sentido que eles tenham o mesmo número

Ed Alves/CB/D.A Press



de casos, mas que eles tenham o mesmo comportamento de subida e descida, mais ou menos, no mesmo momento”, explica. “O número de casos graves em idosos começou a descer, enquanto o número de hospitalizações em pessoas mais jovens continuava a subir. Esse comportamento é devido à vacinação naquela população”, completa.

### Variante gama

O grupo de cientistas também estimou quantas vidas e internações poderiam ter sido evitadas se o país tivesse adotado

### » Impacto financeiro

O estudo também estimou o quanto se economizou com a redução no número de internações. Considerando que cada pessoa hospitalizada teve, durante a pandemia, um custo médio de US\$ 12 mil, evitar de 158 mil a 178 mil internações representou uma economia estimada em uma faixa de valores de R\$ 1,9 bilhão a R\$ 2,1 bilhões ao sistema de saúde brasileiro.

um ritmo acelerado de vacinação desde o começo da campanha, iniciada em 18 de janeiro de 2021. Para os autores, a imunização foi ganhando velocidade aos poucos. Entre fevereiro e março daquele ano, eram aplicadas

cerca de 250 mil doses por dia. Só em junho, chegou-se ao nível de 1 milhão.

Caso esse ritmo tivesse sido adotado oito semanas depois do início da campanha, em meados de março, o número de mortes

de idosos poderia ter sido de 40% a 50% menor, em relação àquele observado no pico da epidemia da variante gama. Dessa forma, outros 47 mil óbitos e um adicional de 104 mil hospitalizações de pessoas com mais de 60 anos poderiam ter sido evitados, indica o estudo brasileiro.

“Ainda que não pudéssemos evitar a emergência da variante gama, visto que ela surgiu em novembro e as vacinas foram disponibilizadas em janeiro, uma vacinação rápida poderia diminuir consideravelmente o pico de hospitalizações e óbitos, especialmente entre idosos e principalmente

As doses protetivas também minimizaram os efeitos da variante gama do novo coronavírus, concluíram os cientistas

**O fato de as vacinas terem feito diferença é algo incontestável!**

**Leonardo Souto Ferreira**, pesquisador do Instituto de Física Teórica da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e primeiro autor do artigo

nos estados em que a gama demorou um pouco para chegar”, avalia Flávia Maria Darcie Marquitti, pesquisadora do Instituto de Física Gleb Wataghin e do Instituto de Biologia, ambos da Unicamp.

### Crianças

Os autores também consideram que, em meados de 2021, a imunização da população, já em ritmo acelerado, cumpriu um “papel decisivo” para impedir o surgimento de uma nova onda grave de covid-19 devido ao aparecimento da variante delta, que se espalhou pelo país e se tornou dominante. “Quando a delta chegou, encontrou dificuldade maior de circular”, explica Marcelo Gomes, coautor do estudo e pesquisador em Saúde Pública da Fiocruz.

Para o cientista da Fiocruz, os resultados observados sinalizam que a estratégia pode ser eficiente para a vacinação das crianças contra a covid-19. “A vacinação infantil tem sido lenta porque se criou uma série de questionamentos infundados a respeito da segurança da vacina, o que acabou gerando o que chamamos de hesitação vacinal, ou seja, parte da população ficou em dúvida em relação à segurança e eficácia do imunizante”, diz.

## CARDIOLOGIA

### "Bom colesterol" em xeque

Conhecido popularmente como bom colesterol, o HDL (colesterol de lipoproteína de alta densidade) pode não ser tão eficaz para prevenir riscos de complicações cardiovasculares, alertam pesquisadores dos Estados Unidos em um estudo publicado, ontem, no *Journal of the American College of Cardiology*. Ao analisar dados de 23.901 adultos, eles concluíram que, independentemente da origem étnica e racial, apresentar uma taxa alta dessa substância, informação considerada positiva em exames de rotina, não foi associada à redução da possibilidade de surgimento de uma doença cardiovascular.

Para a equipe, o resultado inédito abre espaço para o debate sobre mudanças nas práticas clínicas. “O que espero que esse tipo de pesquisa estabeleça é a necessidade de revisitar o algoritmo de previsão de risco para doenças cardiovasculares. Isso pode significar que, no futuro, não receberemos um tapinha nas costas de nossos médicos por termos níveis de colesterol HDL mais

altos”, afirma, em nota, Nathalie Pamir, professora-associada do Knight Cardiovascular Institute e autora sênior do estudo.

Pamir conta que tem sido bem-acerto que os níveis baixos de colesterol HDL são prejudiciais independentemente da raça. Ela e os colegas testaram essa suposição e concluíram que ela pode não ser completamente verdadeira. A análise de dados também mostrou, pela primeira vez, que essa condição pode indicar um risco aumentado de ataques cardíacos ou mortes relacionadas apenas para adultos brancos. Na amostra, o mesmo não foi verdade para adultos negros.

Segundo os autores, estudos anteriores que moldaram as percepções sobre os níveis “bons” de colesterol e a saúde do coração foram conduzidos na década de 1970 por meio de pesquisas em que a maioria dos participantes era adultos brancos. Desta vez, a equipe de cientistas pôde observar como os níveis de colesterol de adultos negros e brancos na meia-idade sem doenças cardíacas que viviam em todo o país se

sobrepujam a eventos cardiovasculares futuros.

Os participantes fazem parte do estudo longitudinal *Reasons for Geographic and Racial Differences in Stroke (REGARDS)*, que tem o objetivo de analisar as causas do excesso de mortalidade por acidente vascular cerebral (AVC). Nathalie Pamir e colegas estudaram informações coletadas de uma parte dos voluntários do REGARDS ao longo de um período de 10 a 11 anos. Nesse caso, eles tinham perfis semelhantes — idade, níveis de colesterol e fatores de risco subjacentes para doenças cardíacas, incluindo diabetes, pressão alta ou tabagismo.

Durante o período analisado, 664 adultos negros e 951 adultos brancos sofreram um ataque cardíaco ou morte relacionada a um infarto. Aqueles com níveis aumentados de colesterol LDL e triglicérides tiveram riscos modestamente aumentados para doenças cardiovasculares, o que se alinhou com as descobertas de pesquisas anteriores, indicaram os autores.



Olivas do Sul/Divulgação

O azeite de oliva é uma das fontes de HDL: nível baixo nem sempre indica alto risco de infarto

De acordo com Pamir, à medida que os pesquisadores estudam o papel do HDL no apoio à saúde do coração, eles estão explorando diferentes teorias. Uma delas foca na qualidade desse tipo de colesterol, não na quantidade. Ou seja, a qualidade da função do HDL — na coleta e no transporte do excesso de colesterol do corpo — pode ser mais importante para apoiar a saúde cardiovascular.

Sean Coady, vice-chefe da Divisão de Epidemiologia da Divisão de Ciências Cardiovasculares do Instituto Nacional do Coração, Pulmão e Sangue, avalia que o HDL, presente em alimentos como abacate, azeite de oliva e oleaginosas, tem sido um “fator de risco enigmático para doenças cardiovasculares” e, por isso, precisa ser alvo de estudos científicos aprofundados. “As descobertas sugerem que é necessário um mergulho mais profundo na epidemiologia do metabolismo lipídico, especialmente em termos de como a raça pode modificar ou mediar essas relações”.